

Per
506-71271

Biblioteca - EST
2006345
São Leopoldo RS

Identidade!

Um boletim do grupo d@s negr@s da EST da IECLB com apoio da Federação Luterana Mundial
Vol. 1 num. 2 & 3, Outubro - Dezembro 2000

A QUESTÃO DO PRECONCEITO RACIAL Pr. Tomás Ndawanapo

Existe, no seio da população branca e negra, preconceito racial?

O autor deste artigo passou quatro anos e meio numa comunidade de maioria branca. Desde os primeiros dias de sua inserção na mesma comunidade pessoas, brancas e negras – como que surpreendidas -, perguntavam curiosas, como nosso autor era tratado e se sentia no seio de uma comunidade tal. Para alguns era algo inusitado e, para outros, certamente, significava que os tempos haviam mudado. Como um/a negro/a pode dividir o espaço com brancos?

Tais perguntas não deixaram de surpreender. Nosso autor, habituado a conviver com minoria branca, sem preocupações que constatou nos seus interrogantes, admirou as mesmas interceptações! No entanto, observa-se que isso faz parte de outra cultura. Onde o branco é sempre considerado o melhor, gente e chefe da sociedade. E o negro é colocado – quando ele próprio não se coloca nessa posição - em último lugar (?).

Sim, constata-se neste continente – pelo menos neste país – uma resistência subversiva do preconceito racial entre o ser humano de côr branca e negra, tal

que, a nosso ponto de vista cristão, não tem sentido de ser. O preconceito racial é uma ofensa e repúdio à criação de Deus. Não se pretende, aqui, fazer julgamentos incisivos contra esta ou aquela raça das duas mencionadas. Pretende-se apontar o que identificamos durante a nossa estadia aqui.

A população das três Américas, na sua maioria, é constituída por imigrantes (usa-se o termo *imigrante* traduzindo alguém que deixa o seu país natal para viver definitivamente em outro). O processo de emigração, das duas raças, do continente de origem para a América está condicionado a circunstâncias próprias de cada uma delas. Embora com exceções (em relação à raça branca), na base da pg. 2 cl.1

Sabores Internacionais

Com esta *identidade!* celebramos um sabor global e ecumênico. As contribuições de nosso Pastor Angolano, Tomás Ndawanapo (que passou quatro anos entre nós) e José Alencar Lhulhier Jr. mostram os laços afros da IECLB e a diversidade de opiniões sobre o que é ser negro no mundo atual. Também encontramos as reflexões da Lurdilene daSilva sobre sua participação no VIII Encontro Pastoral Afro. Nas páginas 6-11 são apresentadas as primeiras partes de duas séries de artigos sobre hermenêutica negra e luterana pelo finalista Günter Bayerl Padilha e Professor Dr. Peter T. Nash

Per
v.1, n.2/3, out. 2000

imigração dos africanos e europeus para América está a escravatura. Dos africanos que vieram para cá, alguns eram escravos, já na África, que foram vendidos por seus senhores africanos aos mercadores europeus. Posto aqui, continuaram sendo escravos. O que é pouco dito, é que os europeus que imigraram para cá eram escravos e receberam alforria na Europa. Aqui eles receberam terras e tornaram-se senhores de si próprios. Assim, a população negra na América (usa-se América como um continente único), pelo fato de passar por esse constrangimento da escravidão contínua, estando sempre a margem (na sanzala ou favela) – não toda -, não se vê em condições de compartilhar espaço com brancos, muito menos (alguns) os brancos se abrem para conviver com negros. A cor branca tornou-se, então, superior à negra. Ato contínuo, como aqui a lavadeira, diga-se, a doméstica é normalmente a negra, para certos brancos/as não é possível um/a negro/a viver entre aqueles/as não sendo subalterno.

Observamos o seguinte: apesar de os negros lutarem pelo seu espaço, há indício de mentalização de auto-preconceito discriminatório. Suspeita-se que, mesmo não sendo discriminados, alguns negros acham que estão passando por isso ou, por outro lado, consideram (pelo facto da sua cor) não ter lugar entre os brancos. Só desta maneira teriam sentidos perguntas como as que foram citadas acima. Por isso, ser negro/a – no Brasil – ou dizer para alguém “*aquele negro*” é constranger, aliás, depreciar, senão ofender! Diz-se moreno! Aprendeu-se, então, que aqui negro é sinônimo de indecoroso, de

pobreza. Todo pobre, seja branco ou negro, é negro! Antigamente só havia o branco, senhor do engenho, e o negro, escravo. Hoje como há também negros que ascenderam economicamente e brancos empobrecidos, verifica-se mescla de papéis. Branco e negro ricos são tidos como “Branco”. Branco e negro pobres são tidos como “Negro”. Não é mais a cor que dita a raça, antes, é a condição social que o faz. A título de exemplo, tivemos a sorte de ouvir da boca de um dos professores da EST-IECLB, que Pelé (Edson Arante do Nascimento, o maior atleta do século) não é negro! Talvez tenha ele - este professor - brincado, mas falou: Negro não pode superar o branco! Só um branco poderia ser “o Pelé”.

Durante os quatro anos de nossa estadia entre a comunidade supramencionada, jamais sentimos ser discriminados, muito menos tivemos complexo de inferioridade por causa da cor da nossa pele. Fomos acolhidos em lares de brancos e de negros e sentimos que temos o mesmo Criador e Salvador que aceita a diversidade racial. Sentimos que somos iguais. Nenhuma cor da pele humana é mais bonita ou mais feia que a outra. Quem acha ser melhor que os outros, por causa da sua cor da pele não deixa de ser orgulhosa/o e, conseqüentemente, de pecar. Mesmo que isso seja próprio da natureza humana.

Negritude não é sinônimo de desgraça, também não é brancura sinônimo de felicidade, nem vice-versa.

O preconceito racial existe sim, como condição histórica entre brancos e negros nas Américas – assim como em outros continentes — mas também como

subjetivismo humano. Por isso se questiona como se sente um branco ou negro na comunidade oposta à sua cor da pele. Nenhuma das raças, porém, está condicionada originalmente ao sofrimento ou ao bem estar. Ninguém deveria sentir-se amparado ou desamparado por causa da sua cor de pele, antes pelo contrário, são as pessoas e o pecado que contribuem para a discriminação racial. Os seguidores de Jesus Cristo são convocados a cerrarem barreiras contra a discriminação racial tendo em conta o preconceito que a gera.

POVO AFRO-BRASILEIRO, POVO TEUTO-BRASILEIRO E IECLB:

esperança de reconciliação
José Alencar Lhulhier Jr.

No século XVI, com a colonização portuguesa, começam a chegar ao Brasil escravos/as negros/as trazidos/as do continente africano. Já no século XIX, começam a chegar ao Brasil imigrantes de origem alemã. E no século XX, alguns dos Sínodos Luteranos existentes no Brasil unem-se para formar a IECLB.

A IECLB possui uma tradição intrinsecamente arraigada em suas raízes germânicas. E, durante este anos de sua existência, tem sido um local de preservação desta cultura. Mas, a realidade brasileira no século XX, com o êxodo rural e a crise econômica que assola o país, torna nossa Igreja cada vez mais urbana e impossibilita que ela continue fechada como um “gueto” da cultura teuto-brasileira.

Nos últimos anos, a Direção da IECLB tem dedicado uma grande atenção a este assunto, e o tema da Igreja para 97/98 “Aqui você tem lugar” e o atual “Um milênio sem exclusões” são provas deste empenho. A PPL, através de seus vários grupos, também tem dado uma grande colaboração em termos da abertura desta Igreja às pessoas de origem afro-brasileira. E o Movimento Encontro através do projeto “Missão Zero”, tem ampliado a abrangência da IECLB, constituindo comunidades em locais onde não colonização germânica, nos quais, a predominância é de pessoas afro-brasileiras.

Mas, há ainda a necessidade de uma **reconciliação** entre as culturas aqui em questão na IECLB. À primeira vista o termo “reconciliação” refere-se ao “reestabelecimento” de uma relação amigável, a qual teria existido no passado, mas este é somente um de seus significados. Se olharmos para um país como a África do Sul, que tem a sua história marcada pela segregação racial institucionalizada pelo *apartheid* e possui, desde 1994, um governo democrático e uma nova Constituição, não há uma saudável relação com o passado. Há, portanto, a necessidade de se iniciar uma neste presente momento.

Este é o mesmo caso da IECLB, onde, no passado, o isolamento desta Igreja a separava do contato com afro-brasileiros/as, o qual agora é inevitável. Portanto há, atualmente, a necessidade de um processo de reconciliação de abrangência em todos os setores da Igreja, necessitando do engajamento de toda a liderança e membros.

Alguns passos são necessários neste processo. O primeiro é assumir que há diferenças entre estas duas culturas em questão, que a discriminação racial (não institucionalizada) existe dentro de nossa Igreja, e dando ouvidos à história daquelas pessoas de origem afro-brasileira que aqui encontraram um lugar. O segundo passo seria trabalhar com os sentimentos que surgirão durante o processo, tais como, o medo do contato com o “estranho”, a mágoa devido à discriminação do passado e a sensação de não saber como lidar com o “diferente”. E o terceiro passo seria ajudar as pessoas a descobrirem que, mesmo com origens culturais diferentes, somos membros do mesmo corpo em Cristo Jesus e, também, desenvolver programas com o intuito de construir uma Igreja acolhedora e um futuro diferente do atual para a IECLB.

É chegada a hora de a Igreja Cristã ser realmente Cristã!

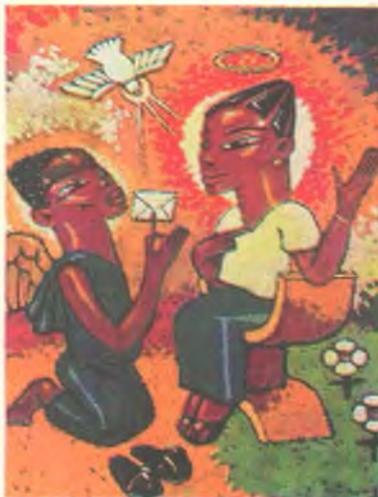
É chegada a hora de a IECLB ser realmente Igreja no Brasil.

As atuais tentativas de reconciliação da IECLB, onde teuto-brasileiros/as ainda são o grupo majoritário, dão-nos a esperança de um futuro diferente para nossa Igreja. E isto é tarefa de cada um/a de nós, líderes e membros, não cabendo somente à Direção Nacional da Igreja e a determinados segmentos desta.

QUEM ERAM?

Peter T. Nash

No primeiro exemplar de *identidade!* fiz algumas perguntas sobre negros na Bíblia. Algumas pessoas ficaram curiosas e escreveram para perguntar “quem eram?” Aqui está a



resposta. O profeta com raízes africanas é Sofonias! O versículo 1 do capítulo 1 o identifica pela sua família. O nome do pai

dele é Cusi. Cusi significa “o etíope.” Os etíopes foram um povo importantíssimo durante várias épocas veterotestamentárias, e, no livro dos Atos dos Apóstolos, percebemos que o livro do profeta Isaias era lido dentre este povo. Quero dizer que há vários motivos para entender que a Fé Judaica vivia há séculos na África e preparou o solo africano para receber as Boas Novas de Jesus Cristo bem antes da Europa. Por isso, o primeiro cristão não natural da

Palestina foi um africano.

A coisa marcante é como a Igreja ocidental se precipita na conclusão de que a cor da pele do etíope é uma coisa nova! Os hebreus e israelitas conviviam há milênios com africanos, até casaram e criaram filhos com eles; José e Moisés são dois exemplos bem óbvios. Então o povo santo de Israel foi um povo de sangue africano com raízes culturais africanas, tão profundas quanto as raízes mesopotâmicas e quanto as raízes na Terra Santa.

Isso nos leva a uma segunda pergunta. Por que o retrato de Jesus com cabelos loiros e olhos azuis é historicamente errado? Bem, o povo bíblico, o povo santo, era um povo de origens afro-asiáticas ou cuxito-semítica. Na linguagem, na cultura, no comércio e na política, este povo se situa com os africanos e os babilônios e assírios. Estes povos são povos negros e marrons. Às vezes é colocado que os egípcios, de fato, não foram africanos. Isto é um absurdo! É importante lembrar que os egípcios foram muitos povos. O faraós e as suas dinastias provêm de várias partes da África do Norte, além do vale do Nilo: Líbia e Etiópia entre outras regiões.

Então, qualquer pessoa israelita judeu ou judia, na época bíblica, podia ser negra ou morena. Os europeus chegaram a participar da história sagrada bem mais tarde. Os filisteus (povos do mar) chegaram como inimigos que permaneciam contidos na costa meridional na Idade do Ferro; somente no fim da época veterotestamentária chegaram os gregos; e, na época intertestamental, os romanos assumiram os territórios que anteriormente

eram dominados pelos gregos. Nos três casos, a animosidade era grande e, antes dos escritos de Paulo, encontramos pouca abertura para laços familiares com estes povos de fora. Seria muito improvável que alguém da linha de Davi pudesse ser de um desses povos claros.

VIII EPA: uma viagem ecumênica Lurdilene da Silva

Nos dias 04 a 08 de setembro, aconteceu em Salvador - Bahia, o VIII EPA (Encontro de Pastoral Afro-Americana), sobre o tema: **Comunidades Negras: Solidariedade e Alternativas**. Encontro este, que teve o privilégio de participar devido ao apoio recebido de todo o grupo de negros/as da Escola Superior de Teologia.

Neste encontro, participaram delegações de vários países da América Latina, além de padres, seminaristas e leigos/as da Igreja Católica.

O encontro proporcionou muitas alegrias através das celebrações afros, com uma enorme riqueza litúrgica. Proporcionou reflexão através de palestras como a do Deputado Federal pelo PT - RS Paulo Paim, que tratou o assunto: As Comunidades Negras na Atual Conjuntura Mundial; Sueli Carneiro, que falou sobre Estratégias de Combate ao Racismo em campos que discriminam como: trabalho, educação, justiça e direitos, mulher negra, comunicação e cultura. Encerrando esta parte de palestras, Dom José Maria Pires empolgou a todos/as com o tema: Globalizar a Solidariedade.

Houve muitas trocas de experiên-

cias entre os países participantes e entre os grupos de interesses, onde cada um/a relatou a experiência de seu trabalho com o povo negro.

Também houve espaço para nos unirmos ao povo baiano nas ruas, orando pela paz e pedindo o fim da exclusão no dia nacional do grito dos excluídos. Foi uma semana de muita aprendizagem para mim. Por um instante senti-me como um peixe fora d'água, pois no grupo de interesse, do qual participei, tivemos que nos apresentar: dizer o nome, de onde vem, religião e trabalho que desenvolvia junto à comunidade negra. À medida em que ouvia os relatos de experiências dos trabalhos, ficava pensando: o que estou fazendo aqui? Não tenho nenhuma experiência em relatar sobre trabalho realizado. Meu objetivo era conhecer e aprender com estas pessoas ali reunidas, para um futuro trabalho pastoral com formação de uma comunidade negra.

Assim, criei coragem para apresentar-me ao grupo: sou luterana (isso causou surpresa em algumas pessoas) estudo Teologia (queriam saber se ia ser freira). Na Igreja Luterana não há nenhum trabalho específico com comunidades negras. Há muitos trabalhos sociais, mas nenhum direcionado exclusivamente ao povo negro.

A partir daí muitos queriam falar comigo sobre a Igreja Luterana. Eu não era mais uma católica no meio do povo: eu era a luterana. Muitas pessoas chegaram até mim querendo saber mais da Igreja Luterana, e outras, comentando sua visão da Igreja Luterana - igreja de ricos e brancos.

Infelizmente a Igreja Luterana ainda carregará está imagem por um longo tempo. Penso que cabe a nós, futuros pastores e futuras pastoras, tentar chegar a este povo que constitui 50% da população brasileira.

Somos Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. É hora de co-

meçarmos a mudar a imagem de igreja alemã e de classe média alta que está enraizada na tradição luterana no Brasil e passarmos a ser uma Igreja sem racismo e sem preconceitos.

ESPÍRITO DE LIBERDADE **Günter Bayerl Padilha**

Arrancados do coração africano
Em lágrimas nos porões negreiros
Viram no horizonte o fim,
Nos cais do mundo novo o inferno.
 Mercadorias vendidas em leilão,
 Engenho, doloroso e cruel destino.
 Onde, transformados em animais,
 Trabalhavam ao ritmo do açoite.
Povo forte e valente não se dobra.
Na senzala viram na dança e tambores
A esperança nascer como a aurora,
Que pelo brilho do sol, finda a noite.
 Quilombos fonte de vida nova
 Transformada pela resistência,
 Brotada da força e fé negra
 Na esperança de viver em liberdade
Capoeira, cores, samba e batuque
Cultura negra de resistência.
Moda de uma nova sociedade que aprendeu
Mover o corpo com a nação Negra.
 Nação negra voa como gaiivota
 Sobre o mar símbolo de liberdade
 Estrelas no céu, prêmio pela luta
 Por igualdade e respeito.
Vento que é força negra
Na valorização de suas raízes
Canta, chora, grita e dança
Nas asas da liberdade.

I- Considerações Preliminares para uma Hermenêutica Negra

Günter Bayerl Padilha

Nesta abordagem preliminar, considerará-se a Teologia da Libertação como ponto inicial para uma reflexão negra sobre a teologia e a hermenêutica latino-americana como ponto de partida para a hermenêutica negra. Também se buscará problematizar o tratamento da Bíblia como palavra de Deus e, assim, demonstrar que ela pode ser um instrumento de libertação e também poder ser decisiva para atos de opressão. Assim, a abordagem será desde a ótica da comunidade negra.

1.1 A Teologia Afro-Americana

O pensar teológico do povo negro faz parte do conjunto do pensar teológico da Teologia da Libertação, teologia chave para que o povo, que vivia uma realidade de morte, pudesse crer na esperança de ser livre e, na condição de livre, reconquistar a dignidade de ser criação divina.

O povo negro, porém, vê a necessidade de que a Teologia da Libertação supere as categorias genéricas político-sociais e dê um passo adiante para estabelecer um compromisso real e mais concreto com a situação de opressão cultural e étnica. O povo negro, com isso, propõe o enegrecimento da teologia e das pessoas que fazem teologia, ou seja, a teologia deve partir da realidade do povo negro.

A teologia Afro-Americana, portanto, é uma teologia que reconhece suas raízes na Teologia da Libertação, mas a partir da realidade negra, faz uma crítica a ela. Em última análise, é desta crítica que nasce o fazer teológico negro, que

considera a discriminação racial como fator determinante para sua situação de povo oprimido. Além disso, é claro que se somam os fatores de classe e gênero para o fazer teológico das comunidades negras.

As comunidades negras chegaram até esta reflexão graças à hermenêutica bíblica latino-americana que revelou que a Bíblia é um testemunho das experiências concretas de fé das pessoas marginalizadas e socialmente excluídas em busca de libertação. Nesta busca, Deus vem ao encontro delas, caminha com elas e também se identifica com elas. Então estas pessoas se identificam com o Deus libertador e passam a reconhecer-se como Povo de Deus. Assim, o povo negro se reconhece como filhos e filhas de Deus.

Neste sentido, a realidade vivida pelo povo negro é determinante para seu fazer teológico e para a leitura da Bíblia em suas comunidades.

1.2 A Bíblia e o povo negro

A Teologia Negra é uma teologia que parte da realidade do povo negro, de sua história, de sua cultura e reflete o ser negro. A Bíblia, portanto, é vista com os óculos de sua realidade e a partir dela é que é feita sua leitura.

A comunidade Negra considera a Bíblia como palavra segunda; ela contém a palavra de Deus. A Bíblia, portanto, pode ser relativizada pela prática, ou seja, depende de como ela é utilizada. Sendo assim, a leitura bíblica como palavra segunda busca superar toda forma de opressão, fundamentalismo e bibliocentrismo. A leitura da Bíblia é feita sem o esquecimento da história do povo negro que foi escravizado em nome de Deus.

A Bíblia é uma ferida para homens e mulheres negras porque ela não foi neutra na história da escravidão. Ela sempre esteve do lado do Rei, do senhor de escravos, do rico, do bispo e do homem branco. Ademais, por meio da Bíblia o povo estava algemado ao *doce inferno*, o engenho de açúcar. Então, o ler a Bíblia para a pessoa negra passa a ser um sofrimento deixado pela história da escravidão que marcou profundamente seu corpo e mente e que, todavia, não foi sanado.

Também não se deixa de fazer memória histórica sobre a situação de inumanidade a que fora submetida a população negra sob interpretações bíblicas racistas. Ao longo da história, negou-se à pessoa negra *o ter, o saber e o poder*; e o povo negro ficou marcado por estes valores que, em suma, para o mundo branco, são o *não ser*.

Paradoxalmente, o povo negro encontrou a Bíblia como fonte de resistência e, a partir dela, conseguiu estabelecer a diferença entre o Deus opressor do branco e o Deus libertador que condena todo tipo de escravidão. Através da identificação de sua história com as passagens bíblicas, o povo negro viu na Bíblia uma companheira de luta, uma fonte de esperança onde ele podia matar a sede de liberdade.

Para compreender a relação entre povo negro e Bíblia deve-se ter consciência de que a Bíblia é o resultado de uma eleição de livros e escritores. Também deve-se considerar que esta eleição estava ligada à realidade humana e que foram deixados fora do cânon vários escritos.

Importante é ressaltar que a Bíblia

é vista pelo povo negro nesta dialética de dor e alegria. Para sentir o quão doce é a mensagem de libertação da Bíblia ao povo negro, é necessário que, primeiramente ou simultaneamente, ele descubra o amargo que é, que pode ser, e que foi a interpretação bíblica na sua história.

Isto leva a pessoa negra a relativizar a Bíblia e faz com que ela resgate a história de seu povo, valorize sua vida e busque a identidade divina comprometida com suas lutas. Assim, nasce a hermenêutica bíblica negra enraizada na realidade do povo negro.

PORQUE FALAR DE NEGRITUDE NA BIBLIA E NA IGREJA

Peter T. Nash

Tem gente que acha desnecessário falar em negritude na Igreja. Pois bem, Gálatas 3.28 diz, "*Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.*" Infelizmente esta verdade teológica ainda não é uma realidade encarnada. A situação sociológica, tanto dentro da igreja quanto fora dela, é que seres humanos continuam fazendo distinções baseadas na cor da pele. Por isso, elaboro alguns motivos para falar em negritude na Igreja e na Bíblia.

Em primeiro lugar, é altamente saudável! A Igreja em geral, e, especialmente, as denominações protestantes, sempre se desenvolveram num clima de diálogo e de debate. Martin Luther ima-

ginava o debate teológico como algo muito natural. A Reforma iniciou-se com um convite para debater. Não somente na Igreja, moderna mas na igreja incipiente temos testemunhos da diversidade de opiniões entre os apóstolos. Paulo e Pedro discutiram o lugar d@s genti@s na nova fé. Impressionante é o seguinte fato: os apóstolos defenderam o princípio de que @s não judeus não seguiriam exatamente o mesmo caminho que @s cristãos-judeus seguiriam! Na questão de participação d@s genti@s na salvação de Deus, o Concílio de Jerusalém resume-se nestas palavras *"Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da prostituição, das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá."* (At 15.28-29).

No AT, também temos vários exemplos que mostram uma multiplicidade de caminhos dentro da fé sagrada: temos o livro de Esdras que, num momento de crise, quis expulsar todas as esposas estrangeiras para purificar a fé. Ao lado desta história triste, temos a história da Rute, uma moabita, descendente de incesto, que está destacada em um estado elevado como a antecessora de Davi, o maior rei do povo sagrado e, com isto, uma das poucas mulheres incluídas na genealogia de Jesus.

É a verdade! É normal para os seres humanos imaginarem-se dentro das histórias da sua fé. Por isso, nós american@s recebemos uma versão da história bíblica

que veio pela ótica européia. Mas o povo santo nunca caminhou na Europa! Caminhou na África e no Oriente Próximo; terras dos povos negros e morenos. Dificilmente podemos crer que a Família Sagrada, com pele clara, desceu até o Egito para esconder-se do alcance de Herodes! Qualquer um que procurasse uma família branca, com nenê, no Egito do primeiro século, acharia sem problema nenhum!

Para abrir espaço nas nossas mentes e nos nossos corações para pessoas que, como noss@s antepassad@s na fé, têm pele escura e padrões de comportamento familiar diferentes em vários pontos. Dando aulas de Hebraico e Antigo Testamento desde 1982, freqüentemente ouço d@s meus alun@s african@s, "Mas professor, é assim na minha cultura como é na Bíblia." Duvidei. Mas pesquisei e confirmei que é a cultura européia que se afastou da cultura bíblica. Conheci um Pastor Metodista da Libéria que, quando o seu irmão não teve filho algum, deu um dos filhos dele para manter viva a linha do irmão. (Compare a história de Abrão e Ló em Ge. 12 ss.) Conheci povos que praticam até hoje uma forma de levirato, uma outra maneira de manter uma linha familiar que pudesse deixar de existir. Não quero dizer que todas as práticas por mim já conhecidas são melhores ou piores do que temos na sociedade ocidental. Quero simplesmente destacar que elas existem como testemunhas do fato de que outros povos têm laços com a fé e cultura bíblica tão fortes como os nossos. Sairíamos melhor se olhássemos para o ver o que tem de bom ali com nossos irmãos e irmãs.

Para corrigir alguns erros graves.

Está na hora de assumir uma postura de penitência, como brasileiro@s e como teuto-brasileir@s e luteran@s. Primeiramente, o país inteiro beneficiou-se da mão de obra forçada d@s escrav@s, mas, no momento em que a economia favoreceu que @s escravistas largassem @s escrav@s despreparad@s na rua, eles o fizeram sem agradecimento nenhum e sem recompensa pela contribuição enorme que @s involuntári@s da pátria fizeram. Apesar disso, com liberdade efetuada, vári@s negr@s adotaram o Brasil como a pátria nova e se capacitaram para fazer o melhor possível nesta república nascente.

Como luteran@s e teuto-brasileir@s temos duas dívidas. Não existe posicionamento luterano algum a respeito da vergonha nacional de ser o último país no novo mundo a proibir o tráfico humano africano. Não existe proposta nenhuma para trabalhar em conjunto com os povos negros para proclamar o evangelho no país inteiro! Num país, com pelo menos 48% da população de descendência afro, nossa Igreja ainda não achou um jeito para formar uma parceria.

Pior ainda, a participação d@s alemães como escravistas é negada na história popular da imigração alemã. “Foi proibido aos alemães serem donos de escrav@s” e “escravatura não existia no sul” são as mentiras mais repetidas. Mas existem registros de pastores alemães e luteranos que relatam o tratamento e batismos dos seus escrav@s. Leis gaúchas regulavam o tratamento e limitavam o castigo corporal d@s escrav@s. Claro que também aqui no sul, na Igreja Luterana, havia escrav@s e até escrav@s

luteran@s. Um jesuíta considerou necessário escolher entre a escravização de african@s e de indígenas para que os europeus pudessem desbravar esta terra vasta e maravilhosa. Ele decidiu sacrificar @s african@s a favor d@s primeir@s habitantes da região. Claro que ele errou. Ninguém deveria ter sido escravizad@, e ninguém deveria ser ignorad@ hoje.

Hoje @s negr@s continuam excluíd@s dos caminhos do comércio, política e de outras formas de autodeterminação. A Igreja Luterana tem duas opções. Ela pode ignorar a pena de uma parte do povo de Deus por causa da cor da pele e diferenças culturais, ou ela pode denunciar esta travestida fantasia de justiça e exigir que o povo brasileiro assuma a tarefa de criar um Brasil justo e sem preconceito racial. No mesmo momento, pode vigorosamente começar a trabalhar a questão da exclusão dentro da própria Igreja. Hoje a IECLB é percebida como um lugar d@s alemães. Muit@s negr@s têm medo de chegar perto, mas quem ousa entrar e conhecer @s luteran@s fica sabendo logo que a IECLB é um lugar no que el@ realmente “tem lugar”. Mas não é suficiente ser uma igreja que tem lugar, temos que fazer o convite. Temos que nos tornar um lugar aconchegante.

Para entender as escrituras sagradas de uma maneira mais perspicaz. Afinal, não é nossa proposta como pessoas de fé, conhecer melhor nosso livro para entender melhor o *Sitz im Leben* de nossas tradições?

Agradecemos: Isabel Arendt por ter editado os artigos.

TENS CARA LUTERANA?

???JÁ SABIAS????

Que já tem quatro vezes mais Luteran@s na África do que na América Latina? Também sabias que estes Luteran@s são african@s preocupados com as mesmas questões teológicas, e aprendendo a mesma catequese e celebrando a mesma fé como a IECLB?

Já sabias que a África já é bem



Luterana? Este continente tem cinco países com mais de 500.000 Luteranos: Madagascar – 1.500.000; África do Sul – 710.382; Etiópia — 1.625.994, Tanzânia – 2.200.000; Namíbia – 700.000 (2 Igrejas). Além dessa Igrejas, já têm 815.000 Luteranos em Papua Nova Guiné e mais 1.559.478 na Indonésia!!

Já sabias que, por porcentagem, a Namíbia é mais Luterano do que Alemanha? 50% de todos os Namibianos são Luteranos, mas somente 30% dos Alemães são Luteranos. Sabe qual país é mais Luterano? Islândia. 94% dos Islandeses são Luteranos. Cristianismo Luterano já tem rostos europeus, africanos, asiáticos. Que tal que ele posse também ter um rosto Brasileiro?

AGENDAM AGORA!!!!

Já falamos que acontecerá, aqui na EST no primeiro semestre de 2001, um simpósio sobre a questão racial. Agora divulgamos que o simpósio *Abrindo as Portas da Igreja* será realizado dias **28-31 de março**. Nestes quatro dias, vamos 1. rever a história dos negros entre os luteranos e outras igrejas protestantes no

Brasil; 2. analisar a situação sociológica brasileira atual e 3. a partir deste conhecimento novo, elaborar um plano de ação para trabalhar com comunidades afro-brasileiras. Serão convidados, historiadores, sociólogos, antropólogos, advogados, pastores e, claro, teólogos que têm experiência e pesquisas nestas áreas. O público em geral é convidado para assistir as apresentações. **O Pastor Presidente, Huberto Kirchheim, já confirmou sua participação!**

Estamos também procurando informações, especialmente narrativas sobre presença negra nas igrejas luteranas das décadas passadas e do décimo nono século. Estes dados e estas narrativas serão usadas como um pano de fundo de nosso trabalho em março e posteriormente.

Se tiver uma história que pode ser útil neste processo, ou simplesmente quiser informações, pode escrever para ***Identidade!***, EST CP 14 93001-970, São Leopoldo/RS ou mandar um email para identidade@est.com.br. Pode também procurar informações na página da EST, www.est.com.br.

A Autora e os Autores



Günter Bayerl Padilha é catarinense de São Bento do Sul, forma-se agora em dezembro e está fazendo PPHP em Brasília.

José Alencar Lhulhier está completando um ano de intercâmbio na Universidade de KwaZulu Natal, Pietermaritzburg. Ele é de Pelotas/RS



Lurdilene da Silva é de S José de Mantimento/MG, e está cursando o sexto ano de Teologia. Em 1999 ela fez intercâmbio em Cuba.

P. Tomás Ndawanapo (sem foto) já voltou para sua terra natal, Angola. Chegou no curso de teologia já com muitos anos de experiência na Igreja Evangélica Luterana de Angola. Sentimos falta da família Ndawanapo.

P. Peter Theodore Nash, Ph.D., é docente da FACTEOL e IEPG da EST nas áreas de Antigo Testamento e Negritude na Bíblia e na



Fiquem de Olho no "Celebrar Jeitos"!

Procure uma oficina no PPL em Cuiabá Janeiro 9-13 de 2001, sobre *Negritude na Bíblia e na Igreja*. P. Dr. Peter Nash demonstrará algumas antigüidades que podem ter caras desconhecidas.

Atenção

Este espaço é para anunciar eventos especiais, oficinas, etc. Também a gente gostaria de ouvir de vocês.

1. Idéias para melhorar nossa comunicação.
2. Reações ao Boletim.
3. Acontecimentos na comunidade negra e luterana.
4. Onde estão os negros e as negras luteranas.

Mandem suas respostas para:
identidade!

EST
CP 14 93001-970
São Leopoldo/RS ou
identidade@est.com.br

na próxima edição!

No próximo número, missionário/seminarista Católico Romano, **Basilele Malomalo Emilio** da República Democrática do Congo compartilhará suas impressões e opiniões sobre uma leitura da Bíblia Sagrada com olhos africanos. PPHPista Günter explicará seu método de ler um texto, e Professor Peter, também escreverá sobre "Como Falar em Negritude na Bíblia." Também terá mais detalhes sobre o simpósio de março, "Abrindo as Portas da Igreja". Até lá!

arte: página 4, Anúncio, por Paul Woelfel, Nigeria; página 11, Fuga para Egito, por Jaques Auguste, Haiti. Agradecemos Arnoldo Mädche e Elisabetha Kannenberg

